

Aeroporto

Começamos nossa longa viagem pegando um pequeno avião para um aeroporto internacional. Saimos da Califórnia com destino ao Brasil. Era apenas o começo de uma opção que eu não havia escolhido. Realmente um clássico exemplo de quando se é de menor de idade e sem poder de decisão. Isto é como eu - e milhões de adolescentes - navegam por esses anos difíceis. Meu estado emocional não era como eu gostaria de estar sentindo. Estava concentrado em meus próprios pensamentos e em como me sentia a respeito dos planos de minha mãe. Não houve saída para mim, mas ela fez algumas concessões.

Minha mãe é muito determinada, especialmente quando quer ver a família dela e me expor à sua cultura. Ela nasceu e cresceu no Brasil. Daí estamos indo lá novamente. Por anos, ela tem tido esta fixação de que eu precisava retornar ao Brasil para ver nossa família mais uma vez, logo após minha graduação do ensino secundário. Não fui consultado, ela se colocou no controle da situação e organizou os planos. Não tendo opção, eu tive que seguir com ela, esperando pelo melhor possível e por algum espaço pra mim de vez em quando. Contudo, tentei mostrar a ela que não era a melhor época para eu viajar.

Claro, os eventos da graduação em minha escola já teriam terminado até a nossa viagem. Contudo, os graduados continuariam a fazer festas verão adentro. Fiz com que Mãe soubesse disto. Não havia necessidade de sair rápido do país. Eu queria ter mais tempo para me divertir com meus amigos. Eles não tinham planos complicados como os que ela tinha para mim. Desejava passar tempo com eles até irmos para a Universidade. Em poucos meses todos nos separaríamos. Cada um iria seguir caminhos diferentes. Isto em si era uma mudança enorme. Mas não, eu ia ficar por um mês cercado de parentes. Mudando de uma situação para outra tão rapidamente era inquietante.

A estação do ano também não era ideal. Os Estados Unidos e o Brasil estão em hemisférios diferentes e as estações são invertidas. Essa lição aprendi bem cedo, indo e vindo entre países durante diferentes meses do ano. Onde vivemos na Baía de San Francisco, o clima é normalmente ameno, mas um pouco frio no inverno. Durante esses meses, férias em um lugar quente, aonde se possa colocar os pés na areia, e apreciar brisas e coqueiros, soa maravilhoso. O problema era que a nossa viagem seria no verão, nos melhores meses do ano, e eu queria estar em casa para aproveitá-los. Tal razão não influenciou Mãe. Ela disse que iria me compensar por isso. Também me lembrou que, apesar de ser inverno no Brasil, íamos para a região central onde o clima naqueles meses é tão confortável como no nosso verão.

Outro aspecto desconsiderado eram as desvantagens tecnológicas que eu enfrentaria. Ao embarcar no voo internacional, meu celular se transformaria em um pedaço de metal inútil por algum tempo. Ninguém se ofereceu para pagar pela conexão de uso no exterior. Não era justo ser rebaixado ao básico, dependendo de outros meios de acesso a Internet. Com razão, minha motivação em viajar piorou. Longe de meus amigos por um mês! Quanto

mais pensava nisto mais descontente me sentia. Era difícil ficar de melhor humor. Também, indo para um mundo que eu pensava não pertencer não ajudava a melhorá-lo.

Muitas e muitas vezes, ouvi: “eles são sua família também.” Com certeza, há laços sanguíneos com meus parentes no Brasil, mas não é tão simples. Mãe é muita séria a respeito de sua família. A explicação dela é que “família é como ter um cordão umbilical, que nunca é completamente separado. Na verdade, ele continua com você, não importa sua idade, onde vivi ou quanto tempo esteja distante.” Confie em mim, este comentário tem sido repetido muitas vezes no decorrer de minha ainda jovem vida. Assim, estou sendo arrastado para rever a família de minha mãe. Ela complica minha vida.

Depois de tudo pronto, seguimos a caminho. Pegamos três voos, incluindo um noturno. Desta vez foi a melhor opção que já tivemos. Em viagens anteriores houve até mais conexões. Melhor até esquecer. Claro que ninguém gosta de longas esperas em aeroportos, custando a chegar ao destino final. É normal, eu creio. Em meu caso, desejava uma transição sem muitas complicações e voos pontuais. Meu pensamento era simples: chegar ao meu destino, passar o tempo necessário e voltar para minha casa. Acreditava que era justo.

Naquele momento eu estava tenso, desejando que o tempo passasse rápido. Preso no aeroporto com minha mãe - e deixando para atrás muito do que valorizava - justificava meu descontentamento. De toda forma que olhava na minha situação, tudo parecia estressante. Tinha que fazer o que outros queriam que eu fizesse. Asseguro que minha mãe não é má. Ela só não me entende. Especialmente naquele momento compartilhamos pouquíssimo. Sentados lado a lado e por vezes face a face, não conversamos nada além do necessário. Minha impressão era que eu estava carente de empatia, a qual não estava recebendo dela.

Mãe ouviu meus protestos, mas evidentemente eles não fizeram diferença. Do contrário não estaríamos voando em direção ao seu país. Normalmente, ela compreende meus pontos de vista e eu tento ver os dela. Contudo, ela domina, controlando totalmente a situação. Isso me deixa maluco. Por vezes dramatizo demais, como muitos outros adolescentes. Sentado lá, minha ansiedade estava aumentando. Esperando por muito tempo, comecei a perder o controle. Era o começo da nossa viagem - considerando quanto tempo iria durar - e eu já estava ficando meio alucinado. Provavelmente estava só cansado de pensar a respeito de tudo. Meus pensamentos estavam rodando em círculos. Talvez eu melhoraria antes de aterrisar do outro lado do Equador.

Ainda tínhamos muito a nossa frente, parte depois de deixar os Estados Unidos e mais ainda depois de chegar ao Brasil. Estava claro que eu estava retornando ao país pela última vez por um tempo. Sabe-se lá quando iria voltar novamente. Naquele momento não importava. Nada era realmente novo. Era uma das muitas vezes que tínhamos feito esta viagem. A diferença crucial era que já não era criança. Estava mais consciente do que esperavam de mim e do que esta viagem significava. Havia tanto em minha cabeça ao retornar para aqueles aos quais eu resistia deixar que me conhecessem intimamente. Nunca me senti preparado.